

Resenha

Por uma educação da ousadia

For a boldness education

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n2p506>

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz

Universidade Federal de São João del Rei, Belo Horizonte/MG, Brasil

Resenha de

CORTELLA, Mário Sérgio. *Educação, convivência e ética: audácia e esperança!* São Paulo: Cortez, 2015. 118 p.

“As palavras são e permanecerão sons vazios, e o caminho da perdição sempre foi acompanhado pela demagógica adesão a um ideal. As personalidades não são formadas pelo que ouvem ou lhe dizem, mas pelo trabalho e pela atividade. Desse modo, o mais importante método educacional sempre consistiu em estimular o aluno a realmente atuar”.
Albert Einstein¹

O livro *Educação, convivência e ética: audácia e esperança!*, de Mário Sérgio Cortella, é constituído de dez capítulos que buscam refletir e relacionar estes conceitos, a partir da consideração de que o trabalho do educador, no seu sentido mais amplo, portanto, não só de pais e professores, deve fundamentar-se em uma concepção de Educação que não se restrinja apenas à escola, mas que se configure como ação que guarda como princípio e como fim “fazer o bem”.

Ora, “fazer o bem” delimita e coloca a empresa da discussão no campo da ética, de modo que o primeiro assunto de que trata Cortella é o da educação como integridade individual e coletiva. Para isso, fará ele uma definição cara não só ao título do livro, como, e por isso mesmo, a todo o pensamento que desenvolverá ao longo da obra. Essa definição é a dos termos *ética* e *moral*. Para ele, *ética* é o conjunto de princípios e valores que norteiam a conduta e

¹ **Pensamento político e últimas conclusões.** São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 38.

moral é a ação concreta baseada e realizada exatamente nesse conjunto de princípios. Seu exemplo é esclarecedor: “[...] tenho como princípio ético que ‘o que não é meu não é meu’; encontro um celular no chão da sala de aula, devolvê-lo ao dono é um ato moral. A razão para fazê-lo é um princípio ético” (CORTELLA, 2015, p. 18, aspas no original). Nessa delimitação terminológica, sua perspectiva de que a educação deve visar a integridade individual e coletiva se traduzirá na vida vivida com sinceridade.

Refletindo sobre a ética na sinceridade – ou a sinceridade na ética -, Cortella discute a educação como fraternidade, como compaixão. Evocando as raízes judaico-cristãs da civilização ocidental como formadoras de muitos dos princípios éticos da humanidade que ainda hoje persistem, ele relembra a pergunta de Deus a Caim (“Onde está o teu irmão Abel?”) e sua resposta (“Não sei. Por acaso, serei eu guarda do meu irmão?”), para nos advertir que agir moralmente requer que demos conta de nosso irmão, de nosso próximo. E não só dele: é preciso lidarmos também com a insistente parcela que existe em nós e que nos impele à mesquinhez, ao egoísmo. Ao relacionar esse pensamento à prática docente, ele aconselha – e à medida que se progride na leitura, mais ela se configura como uma obra aconselhadora, de base filosófica muito sólida, é verdade, mas ainda assim aconselhadora – Cortella aconselha que os educadores deveriam apresentar aos estudantes a miséria do mundo através de trabalhos comunitários, para que a caridade (*caritas*) torne-se algo concreto e não apenas discurso.

Isso nos remete à reflexão que o autor nos propõe logo em seguida: a do hábito como “fratura ética” (Idem, p. 37). Para ele, quando se assume uma postura acomodada diante dos desafios da existência, caracterizada pelo discurso vazio, rompemos com a reflexão moral que nos permite viver e conviver de maneira sincera, justa e boa. Dentro da escola, o hábito se torna duplamente destrutivo. De um lado, tem-se a própria prática conformada de uma parcela significativa dos docentes que não só *habitualmente* não se envolvem, não inovam, como também tendem a desestimular novas formas de atuação na escola. Eles já encontram-se tão *acostumados* a não agir que determinados problemas passam a ser encarados como normais, sobre os quais nada se pode fazer. De outro lado, tem-se a expressão “isso não é problema meu” que, segundo Cortella, não só exime o indivíduo da responsabilidade de refletir sobre um problema que acomete seu semelhante, como aumenta a fragilidade da escola como ambiente coletivo, no qual jaz sua força.

É justamente essa forma de encarar o ambiente escolar que traz para a discussão o conceito de política. De imediato, a ojeriza ao termo, principalmente no ambiente escolar. Embora o livro seja de março de 2015, traz uma argumentação muito atual, já que nos encontramos discutindo a *Escola sem*

partido em gabinetes da reitoria e em pontos de ônibus. O que causa estranhamento no autor é o fato de que o termo *cidadania* não causa tanta repulsa, já que, objetivamente, ele significa o mesmo que *política*. Nessa perspectiva, seria preciso exorcizar o ressentimento do sentido e canonizar o significado etimológico. Discutir política na sala de aula, desde que pautada em princípios éticos, contribui, no seu modo de ver, para que o ambiente escolar seja encarado como uma extensão da sociedade e não como uma ruptura, do que decorre a necessária ligação dos conteúdos informativos com as práticas formativas. Em outras palavras, com a formação de indivíduos responsáveis, engajados nos problemas sociais, direcionamento que Paulo Freire procurou atribuir à sua prática pedagógica.

É também sobre inspiração de Freire que Cortella reflete sobre a responsabilidade atravessada pela ideia de amor, ou de amorosidade. Segundo ele, não é possível construir uma comunidade sem que haja amor. Amor mútuo, de cuidado recíproco, portanto, de responsabilidade com o bem de si e do outro. Nessa concepção, a escola divide com os pais não só a responsabilidade – *divide*, não delega – como também o cuidado amoroso com o estudante. Esse “cuidado amoroso”, chama atenção o autor, não tem – e não pode – significar concordância absoluta, pelo contrário: a suave, mas firme discordância está mais relacionada à ação amorosa que a aceitação de tudo. Para isso, não se pode olvidar o que já foi dito até agora: ética, convivência, política, sinceridade.

Ação amorosa e ação piedosa são modos desse tipo de convivência preconizada por Mário Sérgio Cortella na escola e fora dela. Agir com piedade, para ele, relaciona-se a agir de maneira autêntica, mas sem ser cruel ou mal educado. O autor é insistente na ideia de que autenticidade e franqueza absoluta não são e não podem ser sinônimos na construção de uma convivência harmoniosa. Isso não significa ser infiel ao princípio de autenticidade que se carrega, mas sem a piedade, a autenticidade se torna violência, crueldade e inconveniência. Deve haver, segundo ele, autenticidade pura de si para si, mas na convivência, na comunidade, exatamente para o bem e manutenção dela, a autenticidade deve ser praticada com parcimônia, sem que isso signifique falsidade e hipocrisia. Isso nos remete ao ensinamento de Dom José Ortega y Gasset ao também refletir sobre a autenticidade. Ele a compreende como fidelidade à uma vocação íntima individual, a um “núcleo insubornável” que nos acompanha na existência pessoal e coletiva. E é justamente na fidelidade à essa vocação que se encontra presente a reflexão moral na filosofia raciovitalista orteguiana.

Dessa forma, tanto Cortella quanto Ortega entendem a autenticidade como fonte necessária à vida que é pautada em valores éticos não só porque ela ga-

rante a existência coletiva, mas, e principalmente, porque evita a degradação do indivíduo, do humano. Para falar como Paulo Freire, evita o “ser menos”. Para Cortella, essa corrupção da humanidade que se converte em corrupção institucional, relaciona-se à hipocrisia, com o que ele denomina de “ética de conveniência” (Idem, p. 76). Se nos lembrarmos do contundente diálogo entre Sócrates e Protágoras, no qual se discute se a virtude pode ou não ser ensinada, compreenderemos melhor o que Cortella quer dizer quando afirma que a ética é exemplar. Pode ser, diz ele, através da coação, em primeiro momento, mas muito mais pelo convencimento, que se ensina. Dessa maneira, os educadores – pais e professores – não podem ser hipócritas; têm de ser autênticos, fieis a si mesmos, como se disse, a seus princípios, pois só assim será possível melhorar a convivência, através do convencimento, do desencantamento dos vícios.

Sendo assim, a escola é local privilegiado – não o único, mas o que mais tem condições de o fazer – do desencantamento dos vícios e da exemplaridade das virtudes. Uma dessas virtudes é a disciplina, que se configura como composição de regras que, muitas vezes, vão de encontro aos desejos individuais. É exatamente nesse embate gerador de conflitos que a escola não pode assumir uma posição de passividade, que poderia ser entendida como antiética. Justamente por ser um ambiente coletivo é que a escola, segundo Cortella, padece de um dos males da democracia: a hegemonia. Já dizia Platão no *Fédon*: “nem sempre a maioria tem razão”. E também Otto von Bismarck: “a maioria tem muitos corações, mas lhe falta um coração”. Isso significa que é preciso que se tenha a ousadia necessária para se fazer o que se acha certo ainda que a maioria ache loucura. Paulo Freire já falava da ousadia no ensinar e de uma “sã loucura” para se referir a esse que talvez seja o maior desafio a ser superado.

É essa ousadia, esse esforço, essa dedicação que, exemplarmente, ensinará aos filhos, aos estudantes, que a vida não está pronta, que o que está aí nem sempre esteve, que o passado não é apenas algo que existe nos livros para garantir a existência de uma ciência chamada História e que o futuro é construção, esperança ativa; com Freire: inédito viável. Ortega y Gasset já nos ensinava que “a vida nos é dada, mas não nos é dada feita”. Cortella prefere algo mais simples: “a vaca não dá leite”. Esse é o segredo da vida: ela é constante encruzilhada, é gerúndio. Vida é *vinda*: vida boa, boas-vindas! A educação na família, na escola ou em qualquer outro lugar, precisa cultivar o esforço vital e social como caminho inexorável da felicidade, da vida boa. E vida boa é vida vivida e convivida plenamente, abundantemente, baseada em princípios, baseada na ética.

Agência de fomento: CAPES – Bolsa de Mestrado.

Submissão em: 21/01/2017

Aceite em: 10/07/2017

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz é Bolsista da CAPES no Programa de Pós-graduação (mestrado) em Educação (Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) pela Universidade Federal de São João del-Rei. Licenciado e Bacharel em Filosofia pela mesma universidade (2012 - 2015). É atualmente (2014-2016) integrante do grupo de pesquisa Ortega y Gasset e filosofia contemporânea. Sua pesquisa atualmente tem como ponto central a possibilidade da tecitura de um diálogo entre o filósofo espanhol José Ortega y Gasset e o pedagogo brasileiro Paulo Freire. Integra também o Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico (GECDiP) do departamento de Educação (DECED) da UFSJ, que se concentra nos estudos de Mikhail Bakhtin e Paulo Freire. É escritor de contos, tendo publicado em antologia de ficção pela Andross Editora.

E-mail: msctomaz@hotmail.com